**Reflexos**
ISSN : 2260-5959
Éditeur : Université Toulouse - Jean Jaurès

**10 | 2025**
**50 ans après le 25 avril : mémoire(s) et représentations de la Révolution des Oeillets et de l'immigration portugaise en France**

---

# Do Estado Novo para a *Revolução dos Cravos* : Girolamo Messeri, o embaixador incómodo. Luta política e liberdade de imprensa

*De l'Estado Novo à la* Révolution des Œillets *: Girolamo Messeri, l'ambassadeur dérangeant. Lutte politique et liberté de la presse*
*From the Estado Novo to the* Carnation Revolution*: Girolamo Messeri, the uncomfortable ambassador. Political struggle and freedom of the press*

**Marco Gomes**

---

http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/2249

**Référence électronique**
Marco Gomes, « Do Estado Novo para a *Revolução dos Cravos* : Girolamo Messeri, o embaixador incómodo. Luta política e liberdade de imprensa », *Reflexos* [En ligne], 10 | 2025, mis en ligne le 09 décembre 2025, consulté le 18 juin 2026. URL : http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/2249

**Droits d'auteur**
CC BY

# Do Estado Novo para a *Revolução dos Cravos* : Girolamo Messeri, o embaixador incómodo. Luta política e liberdade de imprensa

*De l'Estado Novo à la* Révolution des Œillets : *Girolamo Messeri, l'ambassadeur dérangeant. Lutte politique et liberté de la presse*
*From the Estado Novo to the* Carnation Revolution: *Girolamo Messeri, the uncomfortable ambassador. Political struggle and freedom of the press*

**Marco Gomes**

## PLAN

I/ Portugal e Itália : relações diplomáticas
II/ Quem foi Girolamo Messeri?
III/ As revelações de *Giorni Vie Nuove* e as consequências do telegrama publicado por *Il Mondo*
Considerações finais

## TEXTE

1 A Revolução de Abril foi acompanhada por jornalistas a partir de redações internacionais, sobretudo europeias e norte-americanas, por correspondentes distribuídos por vários países e enviados especiais deslocados para o palco dos acontecimentos (rede de captura). Os episódios que costuraram o tecido da transição para a democracia em Portugal, entre 25 de Abril de 1974 e o último episódio-símbolo da Revolução[1], a 25 de novembro de 1975, alcançaram uma exposição pública internacionalmente relevante porque apresentaram altos níveis de incidência em diversos critérios de noticiabilidade.

2 Se em junho de 1974 Giuseppe Venosta interroga-se, no semanário italiano *Panorama*, sobre o destino de Espanha – "vai seguir o exemplo de Portugal?"[2] (Venosta 66) –, já Sandro Ottolenghi escreve, três semanas antes das eleições para a Assembleia Constituinte, que Portugal se tinha tornado o ponto central da política internacional e que os acontecimentos resultantes do contragolpe de 11 de março de 1975 (radicalização à esquerda do processo político) haviam tido, sobre-

tudo em Itália, reflexos inesperados. O enviado especial de *L'Europeo* conclui : "Joga-se uma carta muito importante no póquer das relações de força e do futuro da Europa. Talvez do mundo" (Ottolenghi 28).

3 Em conformidade com os valores-notícia recenseados por vários autores (Galtung & Ruge 1965; Chaparro 1994 ; Wolf 200 ; O'Neill & Harcup 2009 ; Harcup & O'Neill 2017 ; Schultz 2007), o processo revolucionário que se iniciou após a queda do Estado Novo evoluiu a partir de modelos que se podem definir novelescos ou de folhetim. Desenvolveu-se, neste sentido, a partir de dezenas de episódios, no contexto do mesmo quadro histórico (*acompanhamento*), reveladores de forte interesse público e *identificação/relevância* devido, por exemplo, à proximidade geográfica (Europa), cultural (latinos, europeus) e – desejava-se – política (sistema político, segurança ocidental). Muito se escreveu e relatou porque a Revolução portuguesa tinha todos os ingredientes necessários para construir uma interessante história : datas marcantes (28 de setembro, 11 de março, 25 de novembro), rumores, intrigas, golpes e contragolpes, manifestações, violência, romantismo, ocupações, personagens (*magnitude*, *notícias positivas*, *notícias negativas*).

4 O investimento na rede de captura de informação (enviados especiais, correspondentes) constitui um sinal de que os episódios-notícia se adequaram ao ritmo de trabalho das empresas jornalísticas (*frequência*, *agenda dos jornais*), denotando elevado impacto no espaço público e envolvendo amiúde um número significativo de personagens (*intensidade*, *amplitude*, *magnitude*) (Galtung & Ruge 1965 ; Harcup & O'Neill 2017). Mesmo se a clareza foi um elemento raramente associado aos acontecimentos portugueses, cumpre salientar que esses, pela natureza novelesca e imprevisível (*inesperado*, *surpresa*), facilitaram a criação de um imagem pré-mental em consonância com as expetativas dos articulistas, motivando prognósticos e previsões sobre a evolução do processo revolucionário (*consonância com as expetativas*). O caráter novelesco estabeleceu, ainda, uma relação prolongada com a agenda mediática, uma vez que assuntos já noticiados suscitaram análises ulteriores em função de acontecimentos complementares (*continuidade*, *desenvolvimentos supletivos*) (Galtung & Ruge 1965; Harcup & O'Neill 2017).

5 A Revolução de Abril, apesar de não promover nenhum líder iniludível, evoluiu em redor de personagens em nada indiferentes aos media internacionais, como se tratasse de *celebridades*, de António de Spínola a Vasco Gonçalves, Otelo Saraiva de Carvalho, Costa Gomes, Melo Antunes, Mário Soares e Álvaro Cunhal. A abordagem às caraterísticas pessoais e aos percursos políticos dos sujeitos envolvidos foi notória (*personificação*), não faltando elementos essenciais para a construção de uma interessante história em qualquer sistema mediático : *negatividade* (regime militar marxista, democracia popular, democracia direta), *polémica* (PCP [3] *vs* PCI [4]; Álvaro Cunhal e a estratégia de tomada do poder), *dramaticidade* (golpes militares, onda de violência anticomunista do Verão Quente), *conflito* (Soares *vs* militares e Cunhal; disputas entre militares conservadores, filocomunistas, populistas e moderados), envolvimento de países proeminentes do sistema bipolar geopolítico mundial e *elite de poder* (Estados Unidos *vs* União Soviética) (Galtung & Ruge 1965 ; Harcup & O'Neill 2017).

6 Reportando, por exemplo, às coberturas jornalísticas italiana (Gomes 2015), francesa (Mesquita & Rebelo 1994) e espanhola (Luís 2015) sobre os acontecimentos portugueses no imediato pós-25 de Abril, constata-se que os critérios de noticiabilidade considerados (Galtung & Ruge 1965 ; Chaparro 1994 ; Wolf 2001 ; O'Neill & Harcup 2009 ; Harcup & O'Neill 2017 ; Schultz 2007) modelaram a hierarquia noticiosa daqueles países e contribuíram para difundir um enquadramento construído do mundo social - teoria do agendamento (Zelizer 2004 ; Harcup & O'Neill 2017). A *comunidade interpretativa* (Zelizer 2000) envolveu-se no acontecimento Revolução de Abril e procurou interpretar e encontrar explicações para a realidade observada. E é neste sentido que Mário Mesquita, ao analisar a cobertura jornalística da imprensa francófona (França, Bélgica e Suíça), refere que os jornalistas "adoptaram regra geral um estilo analítico, sem prejuízo de um sentimento quase unânime de adesão ao restabelecimento da democracia" (Mesquita & Rebelo 65). A *tribo jornalística* (Traquina, 2004) evidenciou, por isso, um aprisionamento aos "'primas de atitudes' que condicionam a sua própria percepção e explicação dos acontecimentos" (Mesquita & Rebelo 65).

7 Não há dúvida de que o setor de informação e os campos político e social em vários países, especialmente na Europa, como Espanha, França e Itália, entre outros, apropriaram-s ou relançaram várias

questões suscitadas pelo curso revolucionário em Portugal, como a união das esquerdas, a representatividade política, a mediação partidária e a intervenção popular direta, a função das Forças Armadas e o estatuto da imprensa num contexto democrático. Esse fator favoreceu a introdução de assuntos tematicamente enquadrados (*composição*, *agenda dos órgãos de informação*) no âmbito dos noticiários e relatos jornalísticos (imprensa, rádio, televisão), pelo que o processo português colocou em confronto as duas principais nações mundiais (Estados Unidos, União Soviética), os seus representantes políticos e a maior parte dos países e líderes europeus (*envolvimento de nações e pessoas de elite*).

8 Não poucas temáticas oriundas da Península Ibérica (perigo comunista, territórios africanos) originaram outros episódios-notícia em Itália (terrorismo/Aginter Press, "caso República", exclusão do Partido da Democracia Cristã para as eleições de 1975) (Gomes 2015), em Espanha (transição guiada ou rutura com o passado franquista) (Luís 2015) e França (legitimidade revolucionária *vs* legitimidade democrática) (Mesquita & Rebelo 1994). Essa apropriação ou relançamento de questões que serviram de pretexto à discussão de problemas de política interna em vários países resultou de diferentes e específicas circunstâncias políticas e sociais. No caso de Espanha foi devido à queda de Franco. No caso de França, o Programa Comum da esquerda entre socialistas e comunistas, assinado em 1972. Em Itália, mergulhada num agitado clima eleitoral e de luta política, foi devido ao projeto do *compromisso histórico* [5] e à proximidade das eleições administrativas de 1975 e das eleições políticas de 1976. O caso italiano é, aliás, paradigmático quando se percebe que a pergunta *Dove vai l Portogallo*? emergiu em inúmeras ocasiões pela voz de atores políticos, jornalistas e comentadores, suscitando episódios políticos e sociais críticos, sentimentos de vituperação, solidariedades e entusiastas reações, inflamadas polémicas entre intelectuais, políticos e agentes sociais [6], discussões no parlamento e nas assembleias municipais e regionais, preferências políticas em detrimento de opções editoriais (cfr Gomes 2015).

9 Desde o início de 1975 que os acontecimentos portugueses foram ocupando, consistentemente, os espaços nobres dos órgãos de informação italianos, não apenas aqueles dedicados à atualidade internacional, mas igualmente as secções focadas na política interna da pe-

nínsula. Enquadram-se neste segmento notícias sobre terrorismo que contemplam referências às ligações entre neofascistas italianos e células portuguesas, textos sobre as repercussões do "caso *República*" em Itália, unidades de redação que relatam a instrumentalização realizada pelos atores políticos italianos a partir de temáticas suscitadas pela Revolução de Abril – exclusão do Partido da Democracia Cristã para as eleições de 1975 e impacto no XIV Congresso do PCI, documento conjunto PCI e PSI [7], revisão da Concordata e, entre outras, unicidade sindical (cfr Gomes 2015).

10 A nova ordem impulsionada pelos Capitães de Abril revelou, por sua vez, as verdadeiras posições do embaixador italiano em Lisboa (1971-1974), Girolamo Messeri, sobre a evolução do processo político português, posições que, denotando pouca simpatia pela nova ordem de abril, redundaram em inflamadas altercações devido ao modo como os interesses diplomáticos de Roma eram representados em Portugal. Girolamo Messeri foi, aliás, o grande protagonista do "caso Ghioto" que contribuiu para acentuar a fratura entre o setor da informação e o poder político, no que diz respeito à liberdade de imprensa e à independência dos jornalistas.

11 Esta pesquisa tem como objetivo revisitar os designados "caso Messeri" e "caso Ghioto" a partir da imprensa italiana, compreender quem foi Girolamo Messeri, a sua ação política em Lisboa e qual a relação que une o "caso Messeri" ao "caso Ghioto", no âmbito do arco temporal que medeia os anos de 1972 e 1975. A abordagem recorre à imprensa italiana de referência (*Corriere della Sera*, *La Stampa*), da imprensa semanal (*L'Europeo*, *Giorni Vie Nuove*, *Il Mondo*) e de jornais partidários (*Lotta Continua*, *L'Unità*). Cumpre salientar que esta reflexão constitui um pequeno fragmento, não publicado, da tese de doutoramento por nós apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2015, intitulada Dove va il Portogallo ? A *Revolução de Abril na Imprensa Italiana* (1974-1976).

12 Metodologicamente, adota-se a perspetiva de Michel Foucault (1969/2005, 57) sobre o enunciado, que é aqui trabalhado como um acontecimento "que nem a língua nem o sentido podem esgotar por inteiro". Tal como o acontecimento, o enunciado é único e oferece-se à repetição, à transformação, à reativação e, segundo Foucault (147), irrompe com estatuto, circula em redes, oferece-se ao uso, às trans-

ferências e modificações, "torna-se tema de apropriação ou rivalidade".

13 No contexto desta pesquisa, a problematização foucaultiana convida a observar as ocorrências enquanto *acontecimentos discursivos* (Foucault 1969/2005), quer sejam encontros entre atores políticos e sociais, manifestações, confrontos físicos entre ativistas políticos ou iniciativas culturais, quer sejam discussões no âmbito de sessões parlamentares, de congressos, declarações à imprensa, notícias ou reportagens destinadas a revelar tomadas de posição ou determinadas análises e considerações.

# I/ Portugal e Itália : relações diplomáticas

14 Roma, 25 de Julho, 1943 : o Grande Conselho Fascista exonera Benito Mussolini. Lisboa, 25 de Abril, 1974 : o Movimento dos Capitães derruba o Estado Novo. Estes dois acontecimentos balizam cronológica e simbolicamente o ensaio historiográfico de Vera de Matos (2010) sobre as relações diplomáticas entre Portugal e Itália. Trata-se de um contributo que fornece um fotograma muito bem documentado das afinidades e tensões entre os dois países. O estudo demonstra que a natureza antagónica dos sistemas políticos de ambas as penínsulas não impediu, ao longo de 31 anos, uma diplomacia de progressiva aproximação, malgrado os momentos de fricção dos quais derivam algumas dificuldades de relacionamento responsáveis por uma maior debilidade dos vínculos histórico-culturais.

15 A autora avança logo no introito dois fatores que justificam esta dimensão ambivalente: a) assunção da necessidade de cooperação mútua estimulada pela evolução da conjuntura internacional (fórmula política da Guerra Fria, projeto europeu, emergência do Terceiro Mundo, descolonização); b) eclosão de obstáculos político-ideológicos que, provocados pela influência dos partidos da esquerda italiana, pela persistente conotação do Estado Novo com o autoritarismo e colonialismo, impedem a fluência do diálogo e de iniciativas bilaterais (Matos 2010).

16 O fio condutor que sistematiza as principais temáticas no contexto da diplomacia luso-italiana estabelece cinco períodos dotados de di-

nâmicas autónomas. O primeiro refere-se ao ciclo temporal que medeia a assinatura da paz separada pelo governo de Pietro Badoglio (1943) e a instauração da República em Itália (1946). É designado por *período de transição* em virtude de os dois Estados procurarem reposicionar-se no xadrez geopolítico mundial. O sistema estadonovista tentou apropinquar-se dos Aliados resguardando a sua matriz antidemocrática de eventuais efeitos negativos decorrentes das disposições internacionais. Itália procurou minimizar as consequências de um passado recente intimamente relacionado com o Eixo. Os dois países possuíam, assim, desígnios convergentes (Matos 2010).

17 O segundo período abarca os últimos três anos da década de 40. Por ainda ser um momento de reposicionamento estratégico no quadro euro-atlântico, as iniciativas bilaterais nos domínios económico e cultural prevaleceram em relação à diplomacia no campo político. A política externa de Portugal e Itália focalizou-se, sobretudo, na valorização do diálogo com as potências do mundo ocidental (França, Inglaterra, Estados Unidos) (Matos 2010).

18 Em sentido contrário, os anos 50 representam uma etapa relevante na história das relações entre os Estados. Não apenas Roma e Lisboa admitiram formalmente a necessidade de aliviar tensões recíprocas, como emergiu uma clara intenção de estreitamento dos laços histórico-culturais (latinidade). Esta aproximação permite identificar esferas de ação convergentes : afinidade dos dois países com a América Latina ; perceção do Mediterrâneo enquanto zona estratégica de segurança e de presença política para Portugal e de influência cultural, económica e política para Itália ; intenção declarada de elevar, nas duas capitais, as legações à categoria de embaixada (Outubro de 1956) e cooperação na defesa dos ideais e dos valores, ocidentais, partilhados pelos dois povos face ao avanço do comunismo ; Itália insere África nas prioridades da sua política económica e partilha a teoria salazarista da cooperação Europa-África [8] (Matos 2010).

19 A questão africana levantou, no entanto, problemas. A sintonia de Roma com os movimentos independentista, em colisão com o colonialismo português, condicionou a presença italiana em territórios ultramarinos. Lisboa denotou desconfiança quanto às declaradas intenções de Roma em Angola e Moçambique.

20 Vera de Matos (2010) utiliza a expressão *anos de chumbo* para classificar o período de 1960 a 1967. Segundo a autora, este quarto período corresponde a uma fase de retrocesso claro nas relações diplomáticas. Aspetos como a guerra colonial, o crescente protagonismo das esquerdas em Itália, assim como a deterioração da imagem do Estado Novo perante a sociedade italiana (colonialismo, totalitarismo), motivaram a adoção de medidas por parte de Roma, em contraste com as expetativas portuguesas. Os governos liderados pelos democratas-cristãos esforçaram-se para desconstruir qualquer imputação de lusofilia (Matos 2010).

21 O quinto e último período, de 1968 a 1974, evidencia um esforço de Itália para recuperar o clima de cordialidade entre os dois governos : se condenou, por um lado, o colonialismo português através de ações como, por exemplo, o abandono do financiamento da barragem de Cahora Bassa, em Moçambique, manifestou, por outro lado, compreensão quando optou por uma posição abstencionista no quadro das resoluções das Nações Unidas contra Lisboa. O maior empenho manifestou-se, também, quando Roma enviou para o Palácio do Conde Pombeiro, em 1971, o polémico e influente embaixador Girolamo Messeri, quando forneceu material militar (aeronaves) ao governo de Marcelo Caetano e mostrou interesse em projetos económicos em Portugal (Porto de Sines) (Matos 2010).

22 Este foi o período durante o qual a política externa liderada por Aldo Moro, ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1969 e 1974, demonstrou maior tolerância face ao governo português, “pois além de acreditar na estratégia de ‘autonomia progressiva’ defendida por Marcelo Caetano, verificava a evolução negativa dos novos Estados africanos, convertidos em ditaduras e em transgressores do ponto de vista das dignidades e dos direitos humanos” (Matos 199). A atuação de Roma remete então para uma política de duplicidade entre 1968 e 1974 : simultânea condenação e complacência face ao colonialismo de Lisboa.

23 Ao longo de quatro décadas, várias ações materializaram uma vontade comum de cooperação entre os territórios italiano e português. Através de organismos oficiais (Instituto Italiano de Cultura, Lisboa - 1936), de organizações científicas (Accademia del Mediterraneo, Palermo - 1949), de coletividades autónomas (Centro per la Cooperazione Mediterranea, Palermo - 1952) ou de grupos com interesse espe-

cífico pela cultura portuguesa (Gruppo dei Amici del Portogallo, Roma - 1947), parece que as afinidades históricas e culturais acabaram por prevalecer. Um exemplo disso é a criação de leitorados de português em diversas universidades italianas nas décadas de 1960 (Milão, Génova, Florença, Pisa, Roma) e 1970 (Veneza, Perugia, Bari, Bolonha).

24 Esta breve síntese do relacionamento entre os dois países releva alguns aspetos que irão adquirir protagonismo no imediato pós-25 de Abril. Trata-se, na verdade, de personalidades e instituições ligadas à vida político-social italiana que, a partir dos acontecimentos portugueses, fundamentaram estratégias de ação em conformidade com os seus desígnios.

25 Em primeiro lugar, tanto os partidos ou coletivos de esquerda (PCI, PSI, Manifesto-PdUP [9], Luta Continua e Vanguarda Operária) como a DC [10] serão responsáveis por um discurso que, profundamente inflamado pelas eleições regionais de junho de 1975, apropriará algumas das principais temáticas suscitadas pelo processo lusitano de transição para a democracia. Portugal entrará, assim, no *festival de surpresas*, expressão utilizada por João Hall Temido [11] (2008) para caraterizar a política interna italiana.

26 Em segundo, se as iniciativas de Girolamo Messeri, entre 1971 e 1974, reforçaram a posição ambígua de Itália diante de Lisboa e do seu colonialismo, a ação do embaixador revestir-se-á, no imediato pós-25 de Abril, de enorme controvérsia e dificultará a definição de uma política oficial de Roma em relação aos acontecimentos portugueses. Mais : em consequência da sua atividade política em Portugal, a figura de Messeri estará no âmago de uma acesa disputa e troca de acusações entre o PCI e a DC, questão que se abordará mais à frente.

27 Por último, e não diretamente relacionado com o processo revolucionário português, importa referir que alguns movimentos políticos africanos estabeleceram ligações com partidos italianos através de viagens a Itália ou beneficiando das deslocações de delegações italianas a África, como aconteceu em novembro de 1975 com o PCI. Berlinguer, desde cedo solidário com a luta do MPLA [12] em Angola, visitou a Argélia, a Guiné-Conacri e a Guiné-Bissau, onde se encontrou com Aristides Pereira e Luís Cabral, líderes do PAIGC [13].

28 Sete anos depois de Agostinho Neto ter apresentado em Milão o ensaio poético *Com os olhos secos* (1963), diversos nacionalistas das Províncias Ultramarinas reuniram-se, em Roma, no âmbito da Conferência Internacional de Solidariedade para com os Povos das Colónias Africanas (1970). Em março de 1973 foi a vez da Conferência Nacional de Solidariedade com os Movimentos de Libertação nas Colónias Portuguesas, realizada em Reggio Emilia e contando com a presença de ativistas africanos, entre os quais Samora Machel (FRELIMO[14]), além dos mais representativos partidos da esquerda italiana (PCI, PSI, PSIUP[15]).

# II/ Quem foi Girolamo Messeri?

29 O nome de Girolamo Messeri é sinónimo de diplomacia, carreira política, anticomunismo, qualidades oratórias, sólidos conhecimentos no domínio dos equipamentos militares, acusações sobre o conúbio com o mundo mafioso siciliano, conflitos e polémicas políticas. Girolamo Messeri foi o embaixador italiano em Lisboa, entre 1971 e 1975. Durante esse período ficou associado a alguns episódios que originaram inflamadas altercações em Itália e dificultaram, no imediato pós-25 de Abril, as relações diplomáticas entre Lisboa e Roma.

30 Quando se procura perscrutar, através da imprensa italiana, o percurso deste siciliano nascido, em Trapani, a 14 de novembro de 1914, licenciado em Ciência Política, logo emerge um sinuoso percurso construído nos bastidores do aparelho democrata-cristão. A profusão de incidentes críticos aos quais se encontra relacionado levanta o manto da curiosidade e até parece sugerir a imagem de uma caixa de pandora. Messeri foi uma personagem incómoda e motivo de atração para as lentes jornalísticas.

31 Para melhor se compreender a sua ação aquando da nova ordem política em Portugal e as consequências dessa atividade ao nível da política interna italiana, é necessário dar um passo atrás para contar a história. Quem foi então esta influente figura dos círculos políticos romanos ? Segundo o exaustivo levantamento de Aldo Santini (1975), no semanário *L'Europeo*, Girolamo Messeri, com pouco mais de vinte anos, era já regente do consulado italiano em Chicago, passando depois para a embaixada em Washington. Após a assinatura do armistício entre a Itália monárquica e os Aliados, em 1943, participou em

Brindísi na constituição do Ministério dos Negócios Estrangeiros, integrando, de seguida, o consulado da Argélia e, posteriormente, o conselho diplomático de Alcide De Gaspari.

32 No âmbito das lutas internas do aparelho democrata-cristão, tornou-se conselheiro político de Amintore Fanfani e foi-lhe atribuído um papel importante na constituição da linha política e diplomática convencionalmente designada de *corrente fanfaniana*. Escreve Santini (1975) :

> Ser fanfaniani significava possuir muitos adversários e encontrar-se exposto a inflamadas polémicas. Messeri não foge à regra. Os seus críticos escrevem que o prémio para esta atividade diplomática é o laticlávio [16] (Santini 16).

33 Em 1958 deixou, provisoriamente, a diplomacia para entrar na atividade política, sendo eleito senador da DC pela Sicília. É neste momento que se começa a falar das relações entre máfia e política, no sentido em que os seus adversários acusam-no de ser um importante referente da estratégia preconizada pela *Cosa Nostra*, que deixara de secundar liberais e monárquicos para apoiar os democratas-cristãos. Em suma : acusam-no de ter sido eleito com a ajuda dos votos da máfia (Barrese 1972). O *boss* mafioso Frank Coppola chegou a declarar aos juízes que apoiara as candidaturas de diversas figuras políticas na Sicília, entre as quais Girolamo Messeri. Os homens políticos citados por Coppola desmentiram e processaram-no.

34 Em 1963, o sociólogo Danilo Dolci, empenhado na luta antimáfia, esforçou-se para demonstrar as relações entre o mundo mafioso e o senador Messeri, afirmando possuir provas das estreitas ligações de afinidade entre Frank Coppola e Messeri e da influência do primeiro na ascensão política do segundo. Seguiu-se o processo instaurado pelo senador a Danilo Dolci. Mas o sociólogo insistiu e, através do seu centro de estudos, renovou as acusações num convénio em Roma (outubro, 1964), coligindo todo o material sobre o assunto no livro *Chi gioca solo* (1964).

35 A 4 de dezembro de 1963, Girolamo Messeri ingressou no governo de centro-esquerda, liderado por Aldo Moro. Um ano depois demitiu-se alegando não estar de acordo com a linha governativa que pretendia levar a cabo relações comercias com Pequim. Foi também em 1964

que o grupo comunista iniciou a cruzada contra Messeri, pedindo um debate parlamentar com base nas acusações de Danilo Dolci. Nascia o "caso Messeri" que viria a ganhar outra amplitude, em 1966, devido ao alegado envolvimento do democrata-cristão em negócios dúbios relacionados com equipamentos militares (Santini 1975).

36 As referências, num relatório enviado pelas cúpulas militares ao ministro da Defesa, Roberto Tremelloni, de que Messeri se deslocava, frequentemente, ao Pentágono, oferecendo os seus bons serviços para a realização de negócios com as Forças Armadas italianas, criaram embaraços em Roma e Washington. Roberto Tremelloni foi obrigado a clarificar que Messeri não havia recebido nenhum mandato das Forças Armadas para se movimentar nos ambientes militares (Santini 1975). O PCI não perdeu tempo e aproveitou a oportunidade para realizar nova cruzada e pedir esclarecimentos no parlamento.

37 As sucessivas polémicas criaram dificuldades à DC, abdicando de apresentar Messeri como candidato nas eleições de 1968. Seguiu-se o regresso à atividade diplomática. Nesse mesmo ano foi-lhe atribuído o cargo de embaixador itinerante para a América Latina e os Estados Unidos, função prontamente contestada pelos seus opositores, na medida em que seria mais uma operação destinada a silenciar o protagonismo de figuras democratas-cristãs incómodas. Em 1971 foi designado embaixador em Portugal sob a égide de Aldo Moro, ministro dos Negócios Estrangeiros. Comentando a nomeação, a agência noticiosa AIPE, próxima dos ambientes da Defesa, escreve :

> Na Farnesina [17] afirma-se que Messeri terá solicitado a sede de Madrid, que contrariamente foi entregue a outro fanfaniano, o embaixador Marchiori. A designação para Lisboa de um especialista em equipamentos militares deixa pensar que a estratégia diplomática de Moro diante de Portugal passa por intensificar as relações já frequentes neste setor. As Forças Armadas portuguesas utilizam aviões G-91 construídos pela Fiat e helicópteros Agusta (citado por Santini 17).

38 Quando anteriormente se analisou o percurso das relações diplomáticas entre Portugal e Itália no pós-II Guerra, Vera de Matos (2010) conclui que o período que medeia os anos de 1968 e 1974 [18], abarcando a regência de Girolamo Messeri, é caraterizado pelo esforço

italiano de recuperar o clima de cordialidade entre os dois governos. Não obstante condenar o colonialismo português, Roma optou por uma posição abstencionista no quadro das resoluções das Nações Unidas contra Lisboa, evidenciando empenho ao fornecer material militar (aeronaves) e interesse em projetos económicos em Portugal (Porto de Sines). A autora afirma que a política externa liderada por Aldo Moro denotou maior tolerância face ao governo de Marcelo Caetano, pautando a atuação por uma linha de duplicidade que remete, como se referiu, para a simultânea condenação e complacência face ao colonialismo de Lisboa. É esta a grelha de leitura que deve nortear a compreensão da chegada de Girolamo Messeri ao Palácio do Conde Pombeiro.

## III/ As revelações de *Giorni Vie Nuove* e as consequências do telegrama publicado por *Il Mondo*

39 Em março de 1972, a revista *Giorni Vie Nuove*, conotada com o PCI, publicou o texto de um relatório enviado dois meses antes por Girolamo Messeri ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros. Trata-se de um apelo do governo português aos dirigentes italianos para que encetassem diligências no sentido de bloquear o reconhecimento por parte da ONU dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. O relatório é altamente comprometedor para o embaixador em Lisboa.

40 Girolamo Messeri define a África negra como uma "sociedade criminal" e afirma que a ONU sofria de um processo "degenerativo e contagioso" (*Giorni Vie Nuove* 15). Dirige pesadas ofensas ao imperador etíope Negus porque traíra Portugal depois de tomar o poder e convida o governo italiano a apoiar as solicitações portuguesas contra os "criminosos" que lideravam os movimentos de libertação em Moçambique, Angola e na Guiné. Explica, ainda, que os cidadãos das províncias portuguesas em África, fossem brancos, negros ou mestiços, não pretendiam ser governados por regimes atrasados e liderados por chefes de tribos, decididos a assassinar em massa os seus adversários (*Giorni Vie Nuove*, 16).

Do Estado Novo para a Revolução dos Cravos : Girolamo Messeri, o embaixador incómodo. Luta política e liberdade de imprensa

ESCLUSIVO

Riveliamo il vergognoso rapporto riservato dell'ambasciatore a Lisbona, Girolamo Messeri, in cui si insulta tutta l'Africa, l'ONU e si consiglia all'Italia l'appoggio al colonialismo e al razzismo portoghese

# Razzismo a go-go nel dispaccio cifrato dell'ambasciatore mau-mau

Roma, marzo

Uno scandalo diplomatico che rischia di compromettere seriamente i rapporti dell'Italia con un intero continente, l'Africa. Per non parlare poi dei «giudizi» sull'ONU. Una prosa becera, farcita di tutti i luoghi comuni del razzismo e del vecchio colonialismo. Protagonista un uomo che rappresenta l'Italia all'estero: l'ambasciatore italiano a Lisbona, Girolamo Messeri. Oggetto dello scandalo un suo «rapporto» riservato sulla recente riunione del Consiglio di Sicurezza delle Nazioni Unite in Africa, ad Addis Abeba.

L'ambasciatore Messeri, in questo «dispaccio» di cui pubblichiamo a parte il testo originale, integralmente, fa proprie le tesi coloniaste, razziste, delle autorità governative portoghesi. Anzi. Distingue il parere, già pesante, del direttore generale per gli affari politici portoghese Caldeira Coelho, dai «commenti e reazioni dell'opinione pubblica del Portogallo» che egli riporta come giudizio suo, in definitiva. Quale «opinione pubblica» c'è in Portogallo dove non esiste nessuna libertà né individuale né di stampa? O piuttosto l'ambasciatore Girolamo Messeri fa propri gli umori del regime fascista di Lisbona? Il tono del dispaccio dice quanto l'ambasciatore — che rappresenta l'Italia repubblicana sorta dalla Resistenza antifascista! — condivida «umori» «commenti e reazioni».

Prima di entrare nel merito del «rapporto» Messeri, vediamo chi è e da dove viene il nostro ambasciatore a Lisbona protagonista dello scandalo. Girolamo Messeri è nato a Castelcammare del Golfo, in Sicilia, il 14 novembre 1914, in una zona, fra Palermo e Trapani, tuttora, infetta di mafia. Fra l'altro, negli anni '60, il suo nome è fra i più «chiacchierati» (si tempi della prima commissione antimafia. Entra nella carriera diplomatica il 1° luglio 1937 e nello stesso anno viene destinato alle isole dell'Egeo, a Rodi. Un piccolo incarico, ma molto importante perché è ancora fresco il ricordo, e le conseguenze, della dimostrazione navale di forza dell'Italia coloniale contro l'arcipelago dell'Egeo. Dopo una sosta diplomatica a Chicago, nel 1942 — siamo alto «spezzamo» le rari alla Grecia» — viene assegnato alla Direzione Affari Generali per l'Europa e il Mediterraneo del ministero degli Esteri fascista.

Probabilmente per la sua esperienza a Rodi. Dopo un soggiorno alla legazione diplomatica italiana a Mosca (altro incarico non secondario) e una lunga parentesi al ministero a Roma, nel 1952 viene spedito in un altro punto cardinale del Mediterraneo: consolo generale ad Algeri dall'8 luglio '52 fino al 18 agosto '55. Sono gli anni cari di della «Battaglia algerina, delle sanguinose repressioni dei parti di Mosca che sfocieranno nel «putsch» dei quattro generali di Salan e nell'avvento del gollismo in Francia. Nella diplomazia italiana viene contato fra i «mau-mau». I diplomatici proiettati sull'Africa o che seguono, con non sempre lenpida attenzione, le vicende dei nuovi Stati africani.

Nel 1956 Girolamo Messeri lascia — in aspettativa, cioè non definitivamente — la diplomazia per la carriera politica: viene eletto senatore nelle liste della Democrazia Cristiana. Sarà riconfermato senatore della DC anche nel 1963 e in uno dei primi governi di centrosinistra è sottosegretario al Commercio Estero (1963-1964). Ma il senatore Messeri è parecchio «chiacchierato». Così nel 1968 non passa alle elezioni e ritorna alla carriera diplomatica [illegible] viene prontamente rimesso, ed è promosso al grado di ambasciatore.

Al primi del 1971, quindi recentissimamente, Girolamo Messeri è nominato ambasciatore italiano in Portogallo. Il «rapporto» che noi pubblichiamo nel testo originale è, dunque, uno dei primi atti del suo nuovo incarico. Egli trasmette «l'appello» di Caldeira Coelho «ai paesi amici e alleati (Italia e Portogallo fanno parte della NATO) perché intervengano» contro i movimenti insurrezionali d'Africa e perché concorrino — (Italia e gli altri alleati — a bloccare in sede ONU qualsiasi riconoscimento diretto o indiretto dei movimenti di liberazione africana dell'Angola, Mozambico e Guinea-Bissau, tutte colonie portoghesi. Gesto di che rilancia le «ragioni e della cosiddetta «opinione pubblica» portoghese. Il nostro ambasciatore consiglia al ministero degli Esteri italiano di accogliere i suggerimenti del regime fascista e colonialista portoghese. Questa la sostanza. Non lo dice apertamente, ma si copre dei «commenti dell'opinione pubblica» portoghese. Per metige pesantissimo di fesse a Raoul Sensolo che «non assiste più fedelmente» il Portogallo, perché — precisa scandalizzato l'ambasciatore Messeri — «il Nagos si è allineato con gli Africani Stati dell'Africa nera molti dei quali sono governati o assenti al comunismo internazionale».

Un'Africa nera governata «da criminali come nella Guinea (indipendente da non contendersi con la Guinea colonia portoghese) di Sekou-Toure». Sui finanziamenti locali sempre di sapore neocoloniaista dell'Occidente ai paesi africani riprende la prosa che si trova spesso sulla stampa neofascista italiana e così che colora che stolzo l'Africa «fanno il gioco di Mosca e di Pechino».

Il giudizio del nostro ambasciatore sui leaders africani

è più che [illegible]
ne: «capi [illegible]
sassini in [illegible]
ne dei cap[illegible]
viene defi[illegible]
perché fav[illegible]
sacro di S[illegible]
«diritti de[illegible]
da neri [illegible]
corrisi di [illegible]
tuose visite[illegible]
ne degli S[illegible]
la di paesi[illegible]
vi è il mau[illegible]
rio», dice[illegible]
il leaders[illegible]
liberazion[illegible]
quidati co[illegible]
intellettua[illegible]
prezzolati[illegible]
to dal M[illegible]
da invidia[illegible]
dal vecch[illegible]
contro l'[illegible]
Ma a pa[illegible]
scandalo[illegible]

14

Do Estado Novo para a Revolução dos Cravos : Girolamo Messeri, o embaixador incómodo. Luta política e liberdade de imprensa

Girolamo Messeri (foto a sinistra), ambasciatore italiano a Lisbona è stato senatore nelle liste della DC. Qualche anno fa venne accusato di avere contatti con ambienti della mafia siciliana. Ora Messeri torna a far parlare di sé con questo incredibile rapporto di cui riproduciamo alcune pagine autentiche.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI

ITALDIPL

LISBONA

Il testo integrale del rapporto

Riportiamo qui a seguito il testo integrale del rapporto dell'ambasciatore Girolamo Messeri al ministero degli Esteri nel testo trasmesso da Lisbona tramite la rete ITALDIPL (probabilmente la trasmissione è avvenuta in cifrato) a Roma un paio di settimane fa. Questo il testo integrale:

Direttore Generale Affari Politici: questo Ministero degli Affari Esteri, Ambasciatore Caldeira Coelho, mi ha oggi intrattenuto sulla riunione del Consiglio di Sicurezza dell'ONU in Addis Abeba.

Come è noto, sono attualmente membri del Consiglio di Sicurezza, la Somalia (il cui rappresentante non è Presidente di turno) il Sudan e la Guinea, paesi sulla rigida ostilità dei quali, nei confronti del Portogallo, questo Governo non ha dubbi di sorta. Risulta a Lisbona che paesi predetti hanno richiesto di invitare a partecipare al dibattito (o comunque ad intervenire alla riunione per « deporre »), i rappresentanti dei movimenti insurrezionali, responsabili della guerriglia alle frontiere delle province portoghesi d'oltremare; e cioè: il Frelimo, per il Mozambico, il MPLA ed il FNLA, per l'Angola, il PAGC per la Guinea. Analogo invito sarebbe rivolto ai capi dei « gruppi di ribellione » del Sud Africa e della Rhodesia.

È opinione di questo Governo che tale gesto, contrario ai principi della carta delle Nazioni Unite (il cui fondamento è quello di conservare la pace, e non di fomentare la guerriglia o la

15

**Figura 1: A reportagem de *Giorni Vie Nuove*, em março de 1972, acusa Girolamo Messeri de racismo**

guerra), superi i limiti dei poteri del Consiglio di Sicurezza, — che non può conferire alcuna veste ufficiale a rappresentanti di movimenti eversivi della sovranità di Stati membri dell'organizzazione — e contribuisca ad aggravare ulteriormente, degradando la dignità ed avvilendo la funzione del suo principale organo, la crisi di prestigio dell'ONU. È per tali considerazioni che il Portogallo indirizza un suo appello ai paesi amici ed alleati — nella cui alta tradizione civile spiccano le tavole del diritto — affinché intervengano, anche soltanto in termini procedurali (qualora non vogliano esporsi per sostenere pur valide ragioni politiche giuridicamente rilevanti) e per evitare così manifesta violazione del diritto internazionale, da parte dell'organo che dovrebbe esserne supremo tutore: violazione che si concreterebbe in un pericoloso precedente destinato a facili proliferazioni, in ogni continente. Appello che il Direttore Generale degli Affari Politici, a nome del suo Governo, mi ha pregato di rivolgere caldamente a V.E. Fin qui il mio interlocutore.

Negli ambienti politici e nell'opinione pubblica del Portogallo, la riunione di Addis Abeba suscita commenti e reazioni che ho il dovere di segnalare.

1) Si considera anzitutto conclusa l'epoca in cui, in Africa, era possibile ricorrere a paesi capaci di esercitare funzione moderatrice o di mediazione. Il rilievo si appunta in modo particolare sulla persona dell'Imperatore di Etiopia, fino a qualche tempo fa grande amico del Portogallo (Haile Selassié è anche Generale dell'Esercito portoghese, e ne ha indossato la rutilante uniforme) che lo aveva sempre fedelmente assistito anche in momenti, storicamente noti, di sue gravi difficoltà. E alla base di tale amicizia, vi era il riconoscimento — dal Negus più volte ribadito — che il Portogallo, per tradizione secolare, è stato sempre contrario alle discriminazioni razziali. Oggi il Negus si è allineato con gli altri Stati dell'Africa nera: molti dei quali sono governati o da strumenti asserviti al comunismo internazionale, o da criminali, come nella Guinea di Sekou-Touré (enorme riconoscenza ha qui avuto un articolo, apparso nel penultimo numero del settimanale statunitense Newsweek — noto per il suo anticolonialismo — che descrive gli orrori delle carceri e della repressione del regime sanguinario di Conakry).

2) l'Africa è ormai soltanto terreno di contesa tra l'Occidente e il comunismo mondiale, nella sua duplice veste. E, nella pratica di Governo dei paesi resi indipendenti dal processo di « decolonizzazione », affiorano due aspetti intimamente connessi:

a) la fanatica ricerca di sempre più ampi finanziamenti da parte dell'Occidente che — prescindendo da qualche opera pubblica (ai cui «utili» partecipano, con crescente ..., i governanti locali) — finiscono per fare il gioco di disegni politici, tracciati da Mosca o da Pechino;

b) la mostruosa azione di capi di Stato o di personalità al comando delle leve del potere, espressi da questo o da quella « etnia », che mirano soltanto a consolidare la loro posizione ... ricorso al « massacro di Stato ». Alla luce di codesta esperienza, parlare, nell'Africa nera soprattutto, di « diritti dell'uomo », più che prestare l'arma di raffinati virtuosismi giuridici, significa farsi correi di una serie impudente ed acrobatica di delittuose violazioni dei principi elementari del diritto e della civile convivenza. Non vi è, in quei paesi, il « minimo etico necessario » che presuppone la configurazione dell'« illecito giuridico ». Lo stesso Presidente della Corte Suprema della Costa D'Avorio ha riconosciuto che, in regime di indipendenza, l'Africa nera ha creato una « società criminogena ».

3) I cittadini delle province portoghesi d'Africa — siano essi negri, bianchi o meticci (il Portogallo ha permesso sempre, e per secoli, la più larga « libertà di incrocio ») — non intendono essere sopraffatti da regimi arretrati e impersonati da capi di tribù, pronti all'assassinio in massa dei loro avversari. Codesti dieci milioni di portoghesi — che vivono e prosperano nei territori più progrediti dell'Africa nera — hanno e rivendicano il diritto di far sentire la loro voce nel consesso che si dice garante della pace nel mondo, e che, in assise di riscatto, siede in questi giorni nella capitale etiopica. I cosiddetti capi dei « movimenti insurrezionali » non rappresentano nulla e nessuno: si tratta di un gruppo sparuto di intellettuali-di agitati, e di agenti prezzolati; e, per giunta, tutti in contrasto tra loro. La proposta di simili personaggi non è una cosa seria: ma una voce falsa e amplificata dai suoni delle corde vocali del comunismo internazionale.

4) I risultati della riunione di Addis Abeba potranno dar luogo ad una svolta nella condotta diplomatica di Lisbona. Si dovrà, cioè, considerare se convenga al Portogallo rimanere a fare parte delle Nazioni Unite che, nel loro processo di degenerazione incrementato dalla prevalenza afro-asiatica, non soltanto hanno perduto la loro funzione di foro di giustizia per i popoli, ma sono divenute strumento di legalizzazione di sopraffazione (il caso del Pakistan insegni). Di tale processo degenerativo e contagioso sarebbe anche prova il debutto del nuovo Segretario Generale Waldheim, le cui dichiarazioni ad Addis Abeba vengono giudicate « assai poco felici », e quasi intonate allo stile del suo « pernicioso predecessore ». I portoghesi sono oculati amministratori del loro danaro, e considerano unanimemente che, nel palazzo di vetro, gli investimenti sono passivi; ed essendo anche un poco superstiziosi, come tutti i latini, — ricordando l'ormai lontano intervento del Negus alla società delle Nazioni, e la successiva rapida fine dell'organizzazione ginevrina — osservano che dopo « l'abbraccio dell'Imperatore di Etiopia », il destino della Nazioni Unite potrebbe essere già ... segnato.

Si tratta di notazioni e di ragioni (fatta ragione ad una particolare e giustificata « ipersensibilità epidermica ») destinate ad essere le componenti di meditate riflessioni: oggi, esprimono stati d'animo, domani potranno tradursi in decisioni irrevocabili. Nel più vasto quadro dei rapporti di forza delle « superpotenze », viva apprensione hanno suscitato le dichiarazioni del Ministro degli Esteri cinese, che denotano il desiderio di Pechino di conferire una impronta inequivocabile alle decisioni del Consiglio riunito ad Addis Abeba. È questo, il primo atto politico di grande stile della Cina, dopo la sua ammissione all'ONU. Si tratta dell'anello aperto a Bandung, nell'aprile del 1955, e martellato da tutte le rivolte del terzo mondo, che Pechino vuol chiudere, assumendo la leadership del continente nero per aprirvi un vasto fronte insurrezionale? È un interrogativo angoscioso, che si pone mentre stanno per chiudersi le pesanti cortine della vicenda vietnamita (dalla quale la più grande potenza dell'Occidente esce con uno stingio permanente per il suo prestigio) e nel momento in cui l'Occidente europeo prende atto delle sue frontiere indifese e del suo spirito debilitato dai narcotici della distensione: interrogativo al quale potrebbero dare una prima risposta le tonnellate di armi che, da tre mesi, la Cina va scaricando nei paesi dell'Africa che si sono infeudati a Pechino.

Messeri

16

41 Depois dos ecos mediáticos suscitados pelo serviço – não assinado – de *Giorni Vie Nuove*, o PCI voltou à carga e reabilitou o "caso Messeri", apresentando pedidos de esclarecimentos no parlamento com vista à exoneração do diplomata e solicitando ao governo italiano que endossasse uma resposta firme contra as pretensões do sempre qualificado regime fascista português. Os socialistas, por sua vez, advertiram que seria necessário rever profundamente as representações diplomáticas no estrangeiro. São estas iniciativas da esquerda italiana que pressionaram os governos democratas-cristãos para endurecer a política em relação a Lisboa, sendo com base nas mesmas que o Ministério dos Negócios Estrangeiros alegou não poder subir o nível de colaboração solicitado em várias ocasiões por Portugal.

42 Claramente, a imprensa constituiu um meio para relançar e alimentar as lutas políticas entre os partidos da esquerda italiana – com o PCI em posição proeminente – e a DC, com o seu modo de governar. Os jornais voltariam a desempenhar um papel determinante no âmbito do percurso político de Girolamo Messeri, contribuindo novamente para abalar a reputação do diplomata. O mês de novembro de 1974 deu a conhecer outro texto jornalístico altamente embaraçoso, com relevantes consequências no plano político, social e no campo do jornalismo, provocando comoção generalizada na opinião pública. A Revolução de Abril apresenta-se como cenário de fundo.

43 O semanário *Il Mondo* (1974) publicou uma reportagem – não assinada – dando conta de um telegrama-relatório enviado por Messeri a Mariano Rumor, o então ministro dos Negócios Estrangeiros. O teor do escrito revela, por um lado, o comprometimento e a admiração do embaixador pelo Estado Novo e, por outro, o sentimento de repulsa em relação à nova ordem erigida com o 25 de Abril e, particularmente, depois de 28 de setembro de 1974, quando o general António de Spínola renunciou à Presidência da República na sequência do seu envolvimento na abortada manifestação da *maioria silenciosa*.

44 O telegrama começa por referir que o clima de violência e anarquia surgido com o 25 de Abril obrigara Spínola a abandonar a liderança do país, pelo que "agitadores de vária ordem", conduzidos pelo desejo de eversão, haviam-se apoderado de todos os centros de poder, das indústrias vitais, dos órgãos de comunicação e denunciado por afinidades com o regime deposto todos aqueles que reclamavam os mais elementares princípios de ordem. Os mesmos princípios de ordem que o Estado Novo – salienta – "assegurara por longo tempo, dentro da certeza de um Estado de direito" (citado por *Il Mondo* 13).

45 Girolamo Messeri descreve uma atmosfera onde pontificam multidões de operários ecoando "reivindicações absurdas", no contexto de um quadro político caraterizado pela "incapacidade" dos primeiro e segundo governos provisórios e pela total ascensão do PCP. Afirma que o problema residia na formação dos jovens oficiais, alimentados por ideais marxistas-leninistas nas pausas da guerra, a quem acusa de terem perdido "o sentido de moderação" e esquecido que "as disputas entre soldados ajustam-se sobre a linha de tiro dos pelotões de fuzilamento" (citado por *Il Mondo* 13).

46 Na sequência da publicação do telegrama-relatório, o diretor de *Il Mondo*, Renato Ghiotto, foi processado por Girolamo Messeri e condenado a dois anos de prisão efetiva. A informação foi considerada confidencial. O veredito foi tornado público a 11 de junho de 1975, no final da campanha paras as eleições Regionais e Administrativas. Encarado como ataque à liberdade de imprensa e mais um sinal de descrédito das instituições, o "caso Ghiotto" agitou a opinião pública e a política italiana.

47 Em largos setores da imprensa organizou-se uma recolha de assinaturas que, aludindo, entre outros casos, à condenação de Ghiotto, pretendia denunciar as precárias condições que regiam a atividade dos jornalistas. A mobilização da opinião pública e dos profissionais de informação contra a sentença foi vigorosa, originando manifestações da sociedade civil, do mundo da cultura e do espetáculo, tomadas de posição, editoriais, cartas de leitores, artigos de opinião e reportagens sobre o passado do diplomata. *La Stampa*, por exemplo, dedicou dois editoriais ao assunto, ao passo que a *Federazione Nazionale della Stampa Italiana*, as várias associações e ordens de jornalistas regionais lançaram apelos em defesa da liberdade de imprensa. O "caso Messeri" contribuiu para reavivar o debate sobre o peso dos partidos, particularmente da DC, na atribuição das representações diplomáticas no estrangeiro. O diretor de *Il Mondo* recorreu e viria a ser absolvido em 1978.

Do Estado Novo para a Revolução dos Cravos : Girolamo Messeri, o embaixador incómodo. Luta política e liberdade de imprensa

LE ORGANIZZAZIONI DEI LAVORATORI RIPRENDONO L'INIZIATIVA DI FRONTE ALLA CRISI ECONOMICA

## Le troppe illusioni sulla linea sindacale

## Un piano di modifiche alla legge sulla casa

## Contro il caro-telefono raccolte 15 mila firme

## Il vertice anti-recessione

RIENTRO IL CONSIGLIO NAZIONALE

## PRI: con i comunisti confronto sui fatti

LA CONFERENZA DELL'FLM A BOLOGNA

## Carniti chiede che la base decida sul contratto dei metalmeccanici

## Appello in difesa della libertà di stampa

## Un armistizio con gli spazzini a Napoli

Il grande successo di uno scrittore autentico che ha conquistato il pubblico, affascinato i critici, coinvolto i politici. Ne "Il sipario ducale" un Volponi nuovo, trascinante. Un romanzo che illumina di ragioni e coerenza il "caso Volponi".

Premio Viareggio 1975

Garzanti

PAROLA DI MESSERI

# Lisbona, che pena

**Pubblichiamo un «incredibile» rapporto inviato dall'ambasciatore italiano. Che ne dice il ministero degli Esteri?**

Pubblichiamo un rapporto inviato al ministero degli Esteri italiano dall'ambasciatore a Lisbona Girolamo Messeri. Per la singolarità e la gravità dei giudizi in esso espressi, riteniamo si tratti di un documento interessante: che cosa ne dice il ministero degli Esteri?

* * *

La rinunzia del Generale António de Spínola alla carica di Presidente della Repubblica, intervenuta improvvisamente in un momento in cui la violenza e l'anarchia sono esplose, nella vita del Portogallo, minandone la stabilità, costituisce, più che l'epilogo lacerante di una tensione tra i due schieramenti del Movimento delle Forze Armate, — i cui contrasti di fondo avevano [illegible]

fuso in considerazioni sul momento politico e sulla stabilità del Portogallo, visti alla luce della esperienza degli ultimi mesi; e, con eloquenza calda nei toni, metteva l'accento sulla realtà della vita lusitana, dopo l'evento rivoluzionario del 25 aprile.

Quasi sferzata dall'appello del Capo dello Stato, la maggioranza del Paese si è svegliata. Maggioranza divenuta «silenziosa», poiché, in verità, nulla — salvo che sporadici gesti di coraggiosa protesta — aveva opposto al dilagare della illegalità (scioperi a catena, richieste di salari decuplicati, violenze di ogni genere) l'autentico popolo portoghese, il quale subiva, in corpore vili, dal 25 aprile lo spettacolo di masse scatenate dalla più accesa demagogia, [illegible]

Il generalissimo Francisco Franco.

VENTESIMO SECOLO

# Presidente cercasi

di Sergio Telmon

Delle elezioni americane di «mid-term» analisti e commentatori hanno dato giudizi sostanzialmente concordi. E' stato più un atto, un rituale di purificazione del sistema politico, che un direttamento delle sue attuali linee di tendenza e delle sue procedure. Perché l'America ritrovi il suo vecchio filone ci vuole ben altro: è vero che dopo la presidenza imperiale di Richard Nixon si sente il bisogno di un esecutivo non svincolato dalla tradizione di forza e misura che promana, quasi un mito, dalla Casa Bianca. Ma tra questo e la debole immagine di Gerald Ford c'è un abisso. Efficacemente, Anthony Lewis del «New York Times», ha osservato che questa è stata l'ultima elezione di Nixon, poiché le dimissioni dell'ex presidente non erano bastate a sbarazzare il campo politico dal suo sconcertante incombere. Soltanto adesso il processo politico dovrebbe essere libero di questi effetti devianti, distorcenti.

[illegible]

**Figura 2: Reportagem *Il Mondo* (1974); apelo em defesa da liberdade de imprensa (*Corriere della Sera* 1975); cartoon *Lotta Continua* (1975) "Fanfani tem um agente em Lisboa-Don Girolamo Messeri".**

La morte di Chiang Kai-shek rende più urgente la soluzione del problema di Taiwan

M.O.: si definiscono le posizioni in vista di Ginevra

Fine settimana di sangue a Belfast riprendono gli scontri armati in Irlanda

Sulla conferenza di Parigi l'ombra della rivoluzione nella zona del mondo più ricca di petrolio

Fanfani ha un agente a Lisbona

DON GIROLAMO MESSERI!

48 O incidente compreende, no entanto, outros desenvolvimentos. Ainda antes de a sentença ter sido proferida, o *Corriere della Sera* deslinda, em abril de 1975, outros contornos do caso que remetem para o braço de ferro entre comunistas e democratas-cristãos. O jornal afirma que o episódio poderia dificultar a definição de uma política em relação a Portugal. Em duas colunas, na página 2, o artigo não assinado refere que o PCI havia questionado o governo no parlamento e pedido o afastamento de Girolamo Messeri, acusando-o de ter apoiado o regime de Caetano e os seguidores de Spínola no contragolpe de 11 de março em Lisboa (*Corriere della Sera* 1975). Ou seja, a informação tornada pública pelo *Il Mondo* cerca de cinco meses antes foi novamente reabilitada pelo grupo comunista com o intuito de encetar outra investida contra o adversário político de longa data.

49 O artigo enquadra, ainda, o "caso Messeri" numa grelha de leiura mais ampla, afirmando que o governo italiano "se deveria resignar e enfrentar, em condições difíceis, uma polémica muito delicada", no quadro de um problema mais importante : qual a política a adotar em relação a Portugal (*Corriere della Sera* 2). O diário milanês afirma que uma série de razões motivavam a DC e o governo italiano a olhar com defidência a orientação e a atividade do novo regime português, concluindo :

> Como em outros países, também em Itália se coloca a questão de dar um ajuda a Portugal. [...] Ao se recusar aceitar, mesmo com as devidas cautelas, a nova realidade de Portugal, corre-se o risco de desencorajar a ligação com o resto da Europa, de endurecer o regime contra as alianças ocidentais e levá-lo a inserir-se num sistema de alianças diferente. [...] Existe o perigo real que exigências de política interna [italiana] induzam uns e outros, os comunistas e os democratas cristãos, a explorar a 'questão portuguesa' em vez de olhar com realismo para a situação. O interesse italiano é de agir, certamente, com grande prudência, mas respondendo positivamente à exigência de Portugal se ligar à Europa e à esperança que permaneça no sistema de alianças ocidentais (*Corriere della Sera* 2).

50 Efetivamente, o conteúdo do telegrama-relatório publicado por *Il Mondo* em novembro de 1974 saltou para o inflamado confronto político que opunha em Itália, nessa altura, os dois maiores partidos do arco parlamentar. Salientando a amizade pessoal e as ligações políticas entre o secretário-geral da DC, Amintore Fanfani, e o embaixador Messeri, os comunistas – escreve o *Corriere* – haviam ainda denunciado as interferências de Fanfani a favor da ditadura portuguesa e na própria política externa italiana. O jornal da *Via Solferino* sublinha, no mesmo artigo de abril de 1975, que essa tinha sido a resposta do PCI à retirada da delegação da DC do XIV Congresso comunista (março, 1975) e às intenções de Fanfani fazer de Portugal tema da campanha eleitoral (*Corriere dela Sera* 2).

51 Passando em revista as páginas de *L'Unità* durante o biénio 1974-1975, percebe-se que o PCI investiu no "caso Messeri" também para criar dificuldades ao seu oponente democrata-cristão (*L'Unità* 1975a). Aliás, o PCI conheceu o mesmo desfecho que recaíra sobre os adversários de Girolamo Messeri : os processos judiciais. Em novembro de 1974,

uma delegação comunista deslocou-se a Portugal e, no âmbito de uma conferência de imprensa, no Porto, teceu duras críticas à forma como os interesses italianos eram representados em Portugal. Messeri processou os parlamentares comunistas, expoentes do partido e um jornalista do *L'Unità*. O processo viria, posteriormente, a ser arquivado (*L'Unità* 1975b).

52 Por altura das eleições para a Assembleia Constituinte de 1975, o enviado especial de *La Stampa* em Portugal insurgiu-se contra a singularidade que revestia a situação da embaixada italiana, órfã de um representante diplomático. Escreve Sandro Viola (1975) : "O único governo europeu a quem não interessa a 'questão portuguesa' é ao governo italiano. A situação da nossa representação diplomática em Lisboa tem, de facto, contornos incríveis" (Viola 18). Viola corrobora a versão do *Corriere della Sera* ao sustentar que Girolamo Messeri poderia estar ligado aos estados de ânimo da DC, apostados em instrumentalizar a *questão portuguesa* e condenar a experiência portuguesa depois de os militares de Lisboa terem afastado o Partido da Democracia Cristã das eleições de 25 de abril de 1975.

53 O embaixador Messeri foi oficialmente transferido de Lisboa para Ancara em maio de 1975, mas não sem motivos de polémica. O nome do diplomata ficou associado, a partir de 1976, ao "escândalo Lockheed", a empresa norte-americana que admitiu ter pagado a políticos e militares europeus para vender a esses Estados aviões militares por si fabricados. O "caso Lockheed" envolveu o Presidente da República Giovanni Leone e alcançou enorme impacto mediático e político, nos anos 70, em países como a Holanda, República Federal da Alemanha, Japão e Itália.

# Considerações finais

54 As repercussões dos acontecimentos portugueses em Itália resultam do encontro simultâneo entre, de um lado, o debate sobre o *compromisso histórico*, a conflitualidade associada à luta política interna, o radicalismo de alguns setores da sociedade italiana e o quadro geopolítico internacional e, do outro, a multiplicidade temática dimanada da Revolução de Abril, as suas contradições e a pertinência das questões suscitadas. Em Itália, o percurso revolucionário associado à transição para a democracia em Portugal polarizou o debate político

e social em redor de problemáticas como o estatuto da imprensa em contexto democrático, a unidade das esquerdas, o *eurocomunismo*, a unidade/unicidade sindical, a laicidade do Estado em matérias como o divórcio ou a função das Forças Armadas na organização política e social. Alimentou o debate sobre a presença de partidos comunistas no governo de países da Aliança Atlântica, lançou (ou confirmou) novos dados sobre o terrorismo e municiou a discussão sobre a função dos partidos em processos de transição para a democracia, sobre a mediação partidária e a intervenção popular direta.

55 Através da revisitação de dois episódios mediáticos eclodidos na imprensa italiana, no biénio 1974-1975, o "caso Messeri" e o "caso Ghioto", tendo como protagonista o embaixador italiano em Lisboa entre 1971 e 1975, Girolamo Messeri, constata-se que o processo político iniciado após a queda do Estado Novo suscitou questões que serviram de pretexto para aproveitamento político e instrumentalização de problemáticas do ponto de vista da política interna italiana, processo que resgatou assuntos com maior ou menor exposição mediática e originou novos *acontecimentos discursivos* (Foucault 1969/2005).

56 O "caso Messeri" insere-se claramente na luta política entre, de um lado, o PCI e as restantes forças de esquerda italianas e, do outro, os democratas-cristão ininterruptamente no poder desde 1946. Apresenta como cenário de fundo, primeiro, os últimos anos do Estado Novo, na década de 70, quando Roma evidencia um esforço para recuperar o clima de cordialidade com Lisboa (Matos 2010), e, em segundo, o biénio revolucionário 1974/1975, momento em que o governo italiano, à semelhança de outros países ocidentais da Aliança Atlântica, se revela bastante relutante em compreender a orientação política adotada, sobretudo, pelos governos provisórios (II, III, IV, V) em Portugal liderados por Vasco Gonçalves.

57 O "caso Ghioto", dimanado do "caso Messeri", enquadra-se na problemática da liberdade de imprensa já muito presente na sociedade italiana em virtude dos processos de concentração das empresas jornalísticas, responsáveis por energéticas reações dos profissionais da informação em nome da liberdade de imprensa e da pluralidade de vozes. Temas como a autogestão, o segredo profissional, a consciência profissional dos jornalistas e a idoneidade dos proprietários colocaram em evidência que por tantas vezes os homens das notícias e os

homens da política encontram-se em latitudes opostas, os primeiros preocupados com o que os espera em cada dia e os segundos preocupados com o que os espera em cada ato eleitoral.

58 O tema da liberdade de imprensa estará por longos anos no centro do debate público italiano e centrar-se-á, sobretudo, na questão da concentração das empresas jornalísticas e do pluralismo informativo. Os rumorosos processos de concentração decorreram, a partir de meados da década de 70, da crise financeira e das lutas de poder protagonizadas pela classe política. A tendência estendeu-se ao setor livreiro, à distribuição da publicidade, à atividade cinematográfica e comportou motivações de racionalização que, numa primeira fase, foram políticas, ideológicas e culturais, passando, de seguida, ao lucro económico (Bechelloni 1974).

## BIBLIOGRAPHIE

BARRESE, Orazio. "Nel passato dell'ambasciatore : mafia, SIFAR e carri armati". *Giorni Vie Nuove*, 22 de março, 1972, pp. 30-31.

BECHELLONI, Giovanni. Informazione e potere : la stampa quotidiana in Itália.

Roma : Officina, 1974.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do jornalismo : buscas práticas para

uma teoria da ação jornalística. São Paulo : Summus, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Coimbra : Almedina, 1969/2005.

GALTUNG, Johan and RUGE, Mari. "The Structure of Foreign News : The

Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspaper". *Journal of Peace Research*, 1965, vol. 2, nº 1, p. 64-90.

GOMES, Maro. Dove va il Portogallo? A *Revolução de Abril na Imprensa Italiana* (1974-1976). Tese de Doutoramento. Coimbra : Universidade de Coimbra, 2015.

HARCUP, Tony and O'NEILL, Deirdre. "What is News?". *Journalism Studies*. 2017, nº 18 (12), pp. 1470-1488. URL : https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193.

LUÍS, Rita. Spain and the Portuguese revolution of 1974-1975 : the limits of a surveilled press. Tese de Doutoramento. Barcelona : Universitat Pompeu Fabra, 2015.

MATOS, Vera de. Portugal e Itália. Relações Diplomáticas. Coimbra : Imprensa

da Universidade de Coimbra, 2010.

MESQUITA, Mário e REBELO, José (org.). O 25 *de Abril nos media internacionais*. Porto: Afrontamento, 1994.

O'NEILL, Deirdre and HARCUP, Tony. "News Values and Selectivity." *In*

WAHL-JORGENSEN, Karin and HANITZSCH, Thomas (ed.). *Handbook of Journalism Studies*. Hoboken: Routledge, 2009, p. 161–174.

OTTOLENGHI, Sandro. "Parlano i capi del Portogallo". *L'Europeo*, 3 de abril, 1975, pp. 28-30.

SANTINI, Aldo. "Chi é il nostro ambasciatore a Lisbona". *L'Europeo*. 24 de abril, 1975, pp. 16-17.

SCHULTZ, Ida. "The Journalistic Gut Feeling". *Journalism Practice*. 2007, nº 1(2), pp. 190–207. URL: https://doi.org/10.1080/17512780701275507

SEM NOME. "Razzismo a go-go nel dispaccio cifrato dell'ambasciatore mau-mau". *Giorni Vie Nuove*, 15 de março, 1972, pp. 14-16.

SEM NOME. "Parola di Messeri: Lisbona, che pena". *Il Mondo*, 21 de novembro, 1974, p. 13.

SEM NOME. "Il caso Messeri. La carriera e le gesta di un ambasciatore amico dei colonialisti". *L'Unità*, 6 de abril, 1975a, p. 1.

SEM NOME. "Il caso Messeri – L'Ocidente e il Portogallo". *Corriere della Sera*, 9 de abril, 1975b, p. 2.

SEM NOME. "Cadute le pretestuose accuse di Messeri". *L'Unità*, 15 de novembro, 1975, pp. 1-8.

TEMIDO, João Hall. *Uma autobiografia disfarçada*. Lisboa : Instituto Diplomático, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2008.

TRAQUINA, Nélson. A *Tribo Jornalística. Uma Comunidade Transnacional*. Lisboa : Editorial Notícias, 2004.

VIOLA, Sandro. "La rivoluzione che vota". *La Stampa*, 24 de abril, 1975, p. 18.

VENOSTA, Giuseppe. "Con l'occhio a Lisbona". *Panorama*, 6 de junho, 1974, pp. 66-68.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa : Editorial Presença, 2001.

ZELIZER, Barbie. "Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa". *Revista de Comunicação e Linguagens - Dossiê Jornalismo 2000*. 2000, nº 27, pp. 31-61.

ZELIZER, Barbie. *Taking Journalism Seriously*. California : Sage Publications, 2004.

## NOTES

1 Em 25 de novembro de 1975 assiste-se à tentativa de golpe das forças ideologicamente conotadas com a esquerda radical e à consequente reação dos militares moderados do Movimento das Forças Armadas.

2 As traduções das citações em língua estrangeira para português são da nossa responsabilidade.

3 Partido Comunista Português.

4 Partido Comunista Italiano.

5 O projeto do secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer, tematizado em setembro de 1973, propunha a aliança entre as forças que representavam a grande maioria do povo italiano, do proletariado aos camponeses, dos católicos aos laicos, através da coligação com a DC e o PSI. Com uma matriz nacional, reformadora, visava mobilizar o tecido unitário no sentido do renovamento e progresso democrático do edifício social e das estruturas do Estado.

6 Os espaços dedicados pela imprensa italiana à voz dos leitores constituem um excelente barómetro para aferir o interesse que a Revolução de Abril suscitou na opinião pública.

7 Partido Socialista Italiano.

8 Tese segundo a qual a autonomia da Europa no quadro internacional bipolar (Estados Unidos *vs* União Soviética) só era possível caso o Velho Continente baseasse o seu desenvolvimento económico nos recursos africanos.

9 Partido de Unidade Proletária para o Comunismo.

10 Democracia Cristã.

11 Embaixador em Roma entre 1968 e 1971.

12 Movimento Popular de Libertação de Angola.

13 O Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde.

14 Frente de Libertação de Moçambique.

15 Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária.

16 Referente ao cargo de senador.

17 Sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

18 Até ao 25 de Abril.

## RÉSUMÉS

**Português**

O processo político iniciado após a queda do Estado Novo suscitou questões que serviram de pretexto para aproveitamento político e instrumentalização de problemáticas do ponto de vista da política interna italiana. Esta reflexão tem como objetivo compreender a ação política do embaixador italiano Girolamo Messeri em Lisboa, na primeira metade da década de 1970, e revisitar os designados "caso Messeri" e "caso Ghioto", tendo como cenário de fundo questões como a agitação política em Itália e a liberdade de imprensa.

Conclui-se que o “caso Messeri” insere-se na luta política entre, de um lado, o PCI e as restantes forças de esquerda italianas e, do outro, os democratas-cristão ininterruptamente no poder desde 1946. O “caso Ghioto”, derivado do “caso Messeri”, enquadra-se na problemática da liberdade de imprensa já muito presente na sociedade italiana em virtude dos processos de concentração das empresas jornalísticas e da necessidade de defender a independência do campo jornalístico em relação ao campo político.

**Français**

Le processus politique initié après la chute de l’État Nouveau a suscité des questions qui ont servi de prétexte à une récupération politique et à l'instrumentalisation de certaines problématiques dans le cadre de la politique intérieure italienne. Cette réflexion a pour objectif de comprendre l’action politique de l’ambassadeur italien Girolamo Messeri à Lisbonne, durant la première moitié des années 1970, et de revisiter les "affaires Messeri" et "Ghioto", en prenant en considération des enjeux tels que l’agitation politique en Italie et la liberté de la presse. Il en ressort que l’« affaire Messeri » s’inscrit dans la lutte politique opposant, d’un côté, le PCI (Parti communiste italien) et les autres forces de gauche italiennes, et de l’autre, les démocrates-chrétiens, au pouvoir sans discontinuité depuis 1946. L’« affaire Ghioto », qui découle de l’« affaire Messeri », s’inscrit dans la problématique de la liberté de la presse, déjà très présente dans la société italienne, en raison des processus de concentration des organes de presse et de la nécessité de défendre l’indépendance du champ journalistique par rapport au champ politique.

**English**

The political process initiated after the downfall of Estado Novo raised issues that served as pretexts for political gain and the manipulation of problems from the perspective of Italian internal politics. This analysis aims to understand the political activities of the Italian ambassador Girolamo Messeri in Lisbon during the early 1970s, and to reassess the so-called "Messeri case" and "Ghioto case", set against a backdrop of political turmoil in Italy and concerns over press freedom. It concludes that the "Messeri case" is part of the political battle between, on one side, the PCI and other Italian leftist forces, and on the other, the Christian Democrats, who have continuously held power since 1946. The "Ghioto case", which arose from the "Messeri case", addresses the issue of press freedom, which was prominent in Italian society due to the consolidation of media companies and the necessity to maintain the independence of the journalistic field from the political sphere.

## INDEX

**Mots-clés**

ambassadeur, Portugal, presse italienne, lutte politique, liberté de la presse

**Keywords**
ambassador, Portugal, italian press, political struggle, freedom of the press

**Palavras chaves**
embaixador, Portugal, imprensa italiana, luta política, liberdade de imprensa

## AUTEUR

**Marco Gomes**
Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra (CEIS20)Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências SociaisCentro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI)gomes_marco78@hotmail.com